

DOM HELDER CÂMARA: ASPECTOS DE SUA VIDA

*Profa. Ms. Lucy da Silva Pina Neta**



Boa noite! Obrigada pela atenção nesta noite. Hoje venho para conversar-mos um pouco sobre um tema que me é particularmente caro, Dom Helder Camara.

Pode parecer clichê, mas começo esta conversa lhes dizendo o quão afortunados somos todos que temos o privilégio e a graça de caminhar por onde caminharam alguns dos grandes homens da História. E, aproveito também para reafirmar que Dom Helder saiu muito cedo do Ceará, mas o Ceará jamais saiu dele. Vamos, porém, ao que me trouxe aqui... as memórias no Seminário da Prainha.

O seminarista Helder entrou aqui aos 14 anos de idade. Este foi o lugar onde ele aprendeu muitas coisas, porém o conceito de padre, este ele trouxe de casa. E as perguntas naturais são: “mas o que pensava este menino? o que podia ser um padre?”

Desde quantos anos – 4? 3? – eu dizia que queria ser Padre. Quando atingi os 9 ou 10 anos, meu Pai me chamou e me disse: “Você está crescendo e continua a dizer que quer ser padre. Você sabe o que significa ser padre? E aquele maçom, aquele homem afastado de práticas religiosas, faz um retrato de Padre, de comover...” “O Padre não tem direito de ser egoísta. Não pode pensar só em si. Tem de viver para ou outros”. “O Padre acredita que toca no Cristo com as próprias mãos.” Quando ele acabou a descrição eu comentei: “É exatamente um Padre assim que eu desejo ser”. “Ele me abraçou e, daí por diante, foi o primeiro a me ajudar em minha vocação”. (CAMARA, 63ª Circular, 1972, f102).

Minhas inquietações agora gravitam ao redor da seguinte pergunta: que recordações essas paredes e arcos deixaram neste jovem?

Eu devo muito ao meu Seminário! Mas eu estudei, eu me ordenei em 1931, estudei no Seminário de Fortaleza. Devo muito ao meu Seminário! Agora, entrei no terreno social e os meus professores me ensinaram o que eles sabiam, isto é, que o grande embate ia ser entre leste e oeste, entre capitalismo e socialismo, e que dos males o menor. Eu sai do seminário com isto na cabeça.

Aqui, como ele mesmo disse, recebeu uma formação teológica, filosófica e supostamente cultural. A lição mais arraigada nele foi, porém, certamente a colegialidade. É impossível pensar o Dom dissociado desde modelo da gestão. E por que digo que isso ele aprendeu aqui. Porque, nas notas de suas memórias sobre os anos vividos aqui ele relata sempre dois episódios: o primeiro já quando estava por receber a tonsura, e ele pediu ao Padre reitor, o Lazarista Tobias Dequidt, que aceitasse a sua candidatura a **Congregação Mariana [Congregante de Maria]**, sob o argumento de que, desde que havia ingressado no Seminário, este pedido era feito e logo negado. Argumentou que as proibições do regulamento não tinham sentido, como, por exemplo, os imensos corredores que tinham que cruzar em absoluto silêncio em vez de ensinar-lhes a educar o diálogo como seres que sabem se respeitar e respeitar os demais; ou quando impunham o absoluto silêncio na sala de estudos da biblioteca, sem considerar que há entre os alunos aqueles que precisam da ajuda de seus companheiros, mas uma vez prefere nos impor o egoísmo do individualismo silencioso. Como podemos ser sacerdotes, estar com o povo, se entre nós não falamos. Ante tais argumentos, o Reitor não teve outro remédio senão aceitá-lo, mas ainda não era bom o suficiente, pois como ele, havia 18 jovens na mesma situação, cujas notas baixavam por desrespeitarem o regulamento nos mesmos pontos. Rendido pelos argumentos do seminarista-menino, o Reitor os admitiu, a todos.

Desde cedo e por toda a vida ele foi um formador pastoral, sem deixar de lado o intelecto. Ele nunca se deixou acomodar pelos cargos que ocupou ou pelos trabalhos que realizou, a formação continuada sempre o acompanhou. Talvez por isso que seus escritos sejam, ainda hoje, tão atuais.

Como seminarista e, logo padre recém-ordenado, a que se dedicou Helder?

Logo que entrou, ele era um jovem, muito aplicado, embora tenha de reconhecer que reprovou o primeiro ano, por não saber Latim. Precisou entrar para a turma do 3º ano do Seminário Menor, sendo preterido à classe que lhe correspondia, o quarto ano. Superado esse pequeno impre-

visto, porém, o menino pegou o ritmo de estudos. Suas notas, guardadas ainda hoje na sala de História Eclesiástica do Ceará, dão conta disso. Seu calo, até o final da formação, foi mesmo o canto, quiçá se tivesse tido um professor como o que regeu o coro na noite passada, quem sabe, tivesse progredido melhor na música.

Seus primeiros trabalhos, entretanto, foram por aqui mesmo. Na biblioteca, é culpa ou, melhor dito, é graças a ele e aquela conversa que falei há pouco, que foram criadas na biblioteca daquela época duas sala de estudos: uma para os que preferem a companhia silenciosa dos colegas e outra para os que precisam estudar em pequenos grupos (digo pequenos, porque senão vira formação de quadrilha!).

Logo, o Reitor lhe confiou o trabalho de escrever pequenos relatórios sobre os livros que chegavam ao Seminário como sugestão para a formação dos jovens. Ele os lia e entregava suas “fichas de leitura”. O Reitor dava o parecer final, até que um dia, um dos livros que lhe deram para averiguação continha páginas com grampos. A censura prévia o molestou muito, disse com todo o respeito, que se não poderia lê-lo por completo, preferia não lê-lo em partes, pois sua imaginação poderia criar coisas piores ou melhores do que estava escrito.

Usou o argumento da imaginação para recordar ao Padre o episódio em que ele teve as suas anotações meditativas retiradas da carteira de estudos, sob o pretexto de que a imaginação não é uma boa companheira para um seminarista. Nesta ocasião ele, a pedido do Pe. Reitor, suspendeu a escrita dessas Meditações e só as retomou nos anos de 1940 e as escreveu até quase o fim da vida, hoje já reunimos mais de sete mil desses textos.

Helder sugeriu ao Reitor que o melhor era adverti-lo sobre o conteúdo do livro, pois uma confiança pela metade não é confiança. O Reitor, mais uma vez, se redeu aos argumentos e aceitou a sugestão.

Ao ser ordenado, aos vinte e dois anos e meio [com uma licença especial do Vaticano], em 15 de agosto de 1931, na antiga catedral desta cidade, a ele é confiado o trabalho social [outra marca indelével deste lugar – o serviço social]. Aqui foi assistente da Liga de Professores Católicos, exerceu a experiência da docência no Liceu; trabalhou com os Círculos Operários católicos, ajudou a fundar a Legião Cearense do Trabalho e coordenou a campanha da Liga Eleitoral Católica – LEC.

A pedido do Arcebispo, Pe. Helder foi de cidade em cidade para fazer o que, nos dias de hoje faz um cabo eleitoral: apresentar o candidato que

melhor se enquadrava, à época, aos interesses eclesiásticos. E, creiam: ele logrou!!

“Seu governador”, Menezes Pimentel, homem que hoje, empresta seu nome a biblioteca pública aqui da praça em frente, foi eleito graças aos esforços deste ilustre cabo eleitoral. Contemporâneo desse trabalho, ele também, segundo as indicações de seu arcebispo, militou entre os “camisas verdes integralistas”, integralistas. Ele foi um observador e um interessado agente multiplicador dessas ideias [Aliás, abro aqui um parêntese para dizer que esta é uma fase sobre a qual ainda há muito por se escrever], deixou a militância ideológica para atender ao pedido do arcebispo, que o alçará ao cargo de secretário de Educação do Estado.

A súbita “promoção” pegou Helder de surpresa! Porque, na qualidade de “cabo-eleitoral”, atribuiu parte de sua credibilidade ao fato de que não ocuparia nenhum cargo público, seu trabalho era antes, religioso-pastoral, buscava esclarecer seu rebanho. Não houve jeito! Pe. Helder tornou-se um burocrata. Passados pouco mais de quatro meses, entregou o cargo por não se adaptar a isso que hoje se convencionou chamar governabilidade. Ao assinar sua carta de renúncia, ele também carimbou seu *ticket* de partida do Ceará. A desobediência lhe custou amargos anos na primeira fase de sua vida no Rio de Janeiro, exatamente como burocrata da Educação.

Referência Bibliográfica

CAMARA, Dom Helder. **63ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial**. 8/9.12.1972, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 09 fl.

**Profa. Ms. Lucy da Silva Pina Neta*

Mestre em Ciências da Religião e Licenciada em História pela UNICAP. Historiadora responsável pelo Centro de Documentação (CeDoHC), do Instituto Dom Hélder Câmara do Recife. Nomeada (2014) Perita em História para a causa da Beatificação e canonização de Dom Hélder Pessoa Câmara, da Arquidiocese de Olinda e Recife. Correspondente e pesquisadora voluntária do Núcleo de Memória da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).